

# EFEITOS DO INTERDISCURSO NA MATERIALIDADE MULTIMODAL DOS TELEJORNAIS<sup>1</sup>

Érica Karine Ramos QUEIROZ  
ericafaria2002@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Pós-Graduanda

## INTRODUÇÃO

Este texto propõe reflexões ainda em fase de (re)elaborações dado que a discussão sobre o funcionamento de materialidades não-verbais impõe muitas dificuldades analíticas e teóricas, talvez, fruto da preponderância histórica da linguagem verbal sobre a não-verbal.

Para discutir sobre o funcionamento da relação interdiscurso-intradiscurso e seus efeitos na materialidade multimodal constitutiva dos telejornais, nos ancoramos na perspectiva teórica da Análise do Discurso (AD) francesa e brasileira. A partir deste objetivo, pontuamos algumas considerações gerais fruto de análises de recortes das notícias telejornalísticas, tecidas na tese de doutoramento. Não explicitaremos as análises neste texto devido ao caráter objetivo do simpósio.

As três notícias analisadas foram recortadas com base na relação temática entre MST e reforma agrária, sendo a primeira sobre a ocupação dos pedágios no Paraná pelo MST, a segunda sobre o dizer do presidente Luís Inácio Lula da Silva de que só Deus o impedirá de fazer as reformas que este país precisa e a terceira sobre a liberação da verba PRONAF pelo governo federal. Estas notícias foram veiculadas entre os dias 24 e 27-06-03, por cinco telejornais brasileiros: Jornal da Record (Rede Record), Jornal Nacional (Rede Globo), Jornal da TV (Rede Cultura), Jornal da Band (Rede Bandeirantes) e Jornal do SBT (Rede SBT).

Nesta pesquisa, temos como principal objetivo definir a noção de *textualização lacunar* em funcionamento no discurso telejornalístico. Diante da especificidade do corpus, compreendemos a textualização lacunar não como um problema, um desvio, mas sim como um modo de dizer característico dos telejornais aqui em análise. Para avançar

---

<sup>1</sup> Este texto é parte das reflexões tecidas na minha tese de doutoramento.

teoricamente, partimos do postulado da AD de que todo processo discursivo, na medida em que se textualize, será lacunar porque a falta, que é preenchida pela história, é da natureza do simbólico.

Então, definimos a notícia como uma construção discursiva de um fato ocorrido, inserida em condições sócio-históricas específicas e determinada pela constituição ideológica da posição-sujeito a partir da qual é enunciada. Cabe assinalar que a especificidade desta noção em relação às noções que remetem para o não-dito que outros autores já discutiram é o fato de que estes se referiram ao nível da constituição dos sentidos ou ao conceito de língua como estrutura aberta, e nós definimos a textualização lacunar como um **modo de dizer** característico das formas de linguagem constitutivas do discurso midiático telejornalístico.

A definição dessa noção implicou na compreensão de que a prática de textualização lacunar constitui um novo discurso, ou seja, **versões**, que têm em suas margens sempre outros discursos possíveis já que não é uma unidade fechada de sentidos (só imaginariamente). Daí, a possibilidade de ter acesso aos processos discursivos, de observar na formulação onde há falta de dizer, de explicitar como o modo de dizer característico do telejornalismo silencia sentidos para evitar deriva, de apreender os gestos de interpretação dos jornalistas e a filiação a determinadas FDs.

A partir das considerações preliminares acima, esboçaremos algumas considerações com o objetivo de tentar compreender como o interdiscurso produz efeitos em outras materialidades que não sejam verbais, e para tanto colocamos em relação a sintaxe, os modos de dizer e a forma material verbal e não verbal constitutivos da formulação das notícias telejornalísticas. Nessa relação, questionamos: como efeitos do interdiscurso tais como os efeitos de pré-construído e de sustentação se manifestam em materialidades não-verbais?

## 1.1 Modos de dizer

Na tessitura desta reflexão cabe assinalar que não buscamos *o tesouro indefinido das significações ocultas*,<sup>2</sup> mas procuramos compreender e conceituar um modo de dizer que

---

<sup>2</sup> Essa fala é de Foucault (1970: 54)

denominamos de textualização lacunar. Esclarecemos que pensamos esse modo de dizer a partir de Courtine e Maradin (1981).

Estes autores tentam produzir deslocamentos conceituais na teoria da AD através de duas noções desse campo teórico: *pré-construído* e *repetição*. Eles se esforçam para dar um estatuto à noção de repetição, tomando-a como condição de possibilidade para fazer um exame no campo da AD e, para tanto, articulam esta noção à de interpelação ideológica do sujeito. Neste texto, Marandin e Courtine dizem que nas práticas discursivas os indivíduos aceitam, dissimulam ou resistem aos discursos de cada aparelho do Estado, de modo que qualquer enunciação se efetua na categoria da pessoa jurídica. Associado a essa questão encontra-se a compreensão de que, sendo o discurso uma das instâncias materiais da ideologia, segundo os autores acima, a eficácia ideológica é *um processo de repetições mais ou menos reguladas – polimorfo nos discursos cotidianos, ritualizado nos discursos do aparelho - em que as palavras se tomam na rede das reformulações: repetições sob o modo do reconhecimento dos enunciados e sob o modo de desconhecimento do interdiscurso*. Nessa perspectiva, a *forma-sujeito é entendida como processo imaginário de identificação do que se dá como sujeito da enunciação concreta*.

A partir desta concepção de *modo de dizer*, refletimos sobre o modo como o discurso textualiza as diferentes versões das notícias telejornalísticas, constituindo os sentidos nesta ou naquela diretividade argumentativa a partir de lugares enunciativos legitimados historicamente. Ou seja, dado que a textualização lacunar é também formulação, produto da enunciação de sujeitos, a noção de modo de dizer é central para nossa discussão. Visto isso, no que diz respeito aos processos de enunciação em nosso *corpus*, torna-se preciso considerar que as notícias são veiculadas a partir de lugares de saber legitimados que têm como objetivo levar ao telespectador o que ele “não sabe” (já regulando esse saber), através de modos de dizer que estabilizam sentidos como evidentes, de imagens dos fatos, do discurso descritivo-narrativo, do discurso relatado de caráter pedagógico, regularmente, dito em terceira pessoa, ou de modo impessoalizado, etc. Esses modos de dizer constituem o efeito da eficácia ideológica das (tele)notícias.

Enfim, a especificidade do modo de dizer em nosso *corpus* consiste no fato deste se constituir através de recursos possíveis pelos aparatos tecnológicos que esta linguagem tem a seu favor. Portanto, o modo de dizer telejornalístico se caracteriza pelo próprio

formato material do telejornal em que a notícia é construída por informações visuais, por recortes (editorados) de falas e imagens dos vários envolvidos no fato veiculado, tem um espaço destinado ao comentário que se representa a partir da legitimação do saber da posição apresentador âncora, etc.

## 1.2 Algumas considerações

A noção "textualização lacunar", entendida como unidade imaginária, funciona nesta pesquisa como "pedra fundamental" por ser compreendida como constitutiva da materialidade discursiva telejornalística. Este modo de dizer lacunar se caracteriza, principalmente, por produzir sentidos de evidência para os fatos noticiados a partir de um não-dito e excesso de efeito de pré-construído. Logo, torna-se preciso levar em consideração que o fato a ser noticiado está sujeito a gestos de interpretação materializados em discursos que, para se legitimarem como verídicos, funcionam como um dizer objetivo, imparcial, transparente e estável (embora, na atualidade, não se apresentem como tendo tais características). Esse modo de dizer da notícia se caracteriza tanto na formulação como na prática de editoração (versões) por uma "falta de dizer", materializada numa textualização lacunar, que será preenchida, ideologicamente, pela interpretação.

Na perspectiva da AD, a noção de completude funciona como efeito do ideológico sobre sentidos institucionalizados. Com base nesta prerrogativa, procuramos compreender como os sentidos são textualizados de modo lacunar na materialidade verbal e não-verbal, produzindo diferentes versões, isto é, procuramos compreender os processos de significação inscritos nas notícias pela saturação ou pela insaturação dos sentidos. Então, não é na língua que analisamos as lacunas, e sim na interface de formas de linguagem/discurso da prática de textualização das notícias.

Para definir a noção de textualização lacunar, pensamos **na sintaxe da língua e do telejornal**. Neste, a sintaxe compreende a organização, encadeamento das notícias, a prática de editoração, das imagens<sup>3</sup> e do verbal, etc, enfim, compreende toda a materialidade discursiva do telejornal. Naquela, a sintaxe compreende a estrutura evidenciada a partir de um jogo de oposição e combinação de signos lingüísticos. Daí a

---

<sup>3</sup> Não analisamos as imagens devido a necessidade de delimitar os objetivos.

interface formas de linguagem/discurso. Visto isso, tomamos a sintaxe discursiva como operador analítico uma vez que nos permite compreender *a organização da língua* (que tem uma autonomia relativa) e do telejornal *como acesso ao acontecimento discursivo*. Ou seja, a sintaxe está situada, na linguagem, na articulação da língua com o discurso (PHENRY, 1992).

Então, para refletir sobre a relevância do lugar da sintaxe no funcionamento da textualização lacunar das notícias telejornalísticas pensamos no jogo da língua entre a formulação e a edição do telejornal. Consideramos toda a materialidade simbólica das formas de linguagem constitutivas dos telejornais. Isto nos permite observar como certos fatos de língua afetam a completude, a significação dos sentidos. Por conseguinte, pensamos o funcionamento da sintaxe discursiva em nosso *corpus* não como um sistema neutro e fechado, já que a formulação e a editoração também são determinadas pela exterioridade. Logo, a sintaxe é espreitada no nível do discurso e não somente no nível da frase como é concebida na lingüística, pois a sintaxe discursiva é uma possibilidade de acesso ao processo de produção do sentido, i.é, de acesso ao acontecimento discursivo considerando-o a partir das diferentes versões construídas para um mesmo fato. É de suma importância considerar a sintaxe discursiva intervindo na produção de sentidos, pois não há textualização sem sintaxe uma vez que a organização das palavras e das notícias (dos recortes, das imagens, etc) não se dá aleatoriamente.

Ainda, para discutir sobre o funcionamento discursivo da interface formas de linguagem/discurso na materialidade multimodal, torna-se fundamental recorrer ao o conceito de interdiscurso e seus efeitos tais como o **efeito de pré-construído, sustentação, etc.**

A noção de interdiscurso permite considerar que toda formulação se dá por uma relação com aquilo que a memória discursiva determina como elementos de saber. E um dos efeitos do interdiscurso, o efeito de pré-construído é salutar para a compreensão das questões que aqui levanto porque me permite compreendê-lo como também um dos efeitos da textualização lacunar, pois funciona produzindo sentidos de evidência, de transparência, para os fatos noticiados. Ou seja, o telejornalismo veicula o fato como fato, como se a própria prática de editoração não demandasse gestos de interpretação. Por conseguinte, a textualização lacunar funciona apagando a heterogeneidade discursiva e

ideológica, produzindo sentidos tamponados pelo imaginário de evidência.

Em Zoppi-Fontana (1998: 66), encontramos referência a Pêcheux (1975) quando define o efeito de pré-construído como “um elemento que irrompe no enunciado com aquilo que foi pensado antes, em outro lugar, independentemente, produzindo o sentido como evidência, como sempre já-lá, como o já pensado do pensamento”. A este respeito, Mariani (1998: 153) afirma o pré-construído como “*algo já dito antes, em algum lugar, e que retorna no discurso jornalístico-político como evidência*”.

E os efeitos de pré-construído, que sustentam sentidos como verdades universais, aparecem na textualização lacunar da notícia como efeitos da tensão de fronteiras entre as formações discursivas antagônicas no interdiscurso. Tendo em vista esse modo de dizer midiático, ressaltamos que a verdade, no espaço virtual da televisão, é creditada por quem a diz de direito, representantes da voz da instituição coercitiva, a quem é permitido o direito de interpretar. A verdade reside no próprio enunciado, no “seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência” (Foucault, 1970:15). Daí, ser eficaz este modo de dizer que denominamos de textualização lacunar que se dá, com regularidade, como procedimento de controle da interpretação, pois o modo como é editorado o telejornal, fixa sentidos produzindo efeitos de transparência dos fatos onde se apaga a estruturação ideológica da subjetividade.

No que diz respeito a essas questões, torna-se relevante assinalar que o interdiscurso é o lugar de formação do pré-construído e funciona como um elemento regulador do deslocamento das fronteiras de uma FD, controlando a sua reconfiguração e permitindo a incorporação de pré-construídos que lhe são exteriores, provocando redefinições, apagamentos, esquecimentos ou denegações entre os elementos de saber da referida FD, (Indursky, 1997:37).

Logo, a textualização lacunar tanto funciona para o reforço de efeitos de pré-construído que fundamentam a interpretação reforçando sentidos dominantes já naturalizados pela mídia, quanto funciona abrindo a possibilidade de uma deriva ideológica, do outro dizer, da alteridade, da leitura outra. Portanto, a determinação interdiscursiva funciona na textualização lacunar apagando, na sintaxe lingüística e na sintaxe do telejornal, sentidos que não podem ou não devem ser veiculados, sentidos indesejáveis.

E o **efeito de sustentação** nos permite descrever os processos discursivos que constituem a textualização lacunar. Pêcheux (1997: 110) define o efeito de sustentação como “meio de uma relação de *implicação* entre duas propriedades, e , relação essa que enunciamos sob a forma: o que é é ”. Este autor dá a essa relação o nome de *efeito de sustentação*, destacando que ela realiza a *articulação* entre as proposições constituintes do discurso.

O efeito de sustentação se constitui na discrepância entre os domínios de pensamento, isto é, entre o pré-construído e a articulação. Estes funcionam em relação à posição-sujeito determinada por uma FD, são efeitos do interdiscurso na formulação que funcionam repetindo, reformulando, deslocando o já-dito. Ou seja, os pré-construídos, numa formulação dada a partir de uma posição-sujeito, não são os mesmos de outra e as articulações definidas dentro de uma FD não são as mesmas se definidas dentro de outra. Em outras palavras, o efeito de sustentação trabalha com a articulação dos objetos de significação na formulação produzindo versões de um mesmo fato. Neste sentido, os telejornais recortam diferentemente um mesmo fato, o que constitui as versões que são ideologicamente marcadas diferentemente. Ou seja, na **editoração** das **versões** para um mesmo fato noticiado, os diversos gestos de interpretação determinam a textualização do telejornal de modo que sentidos são explicitados, apagados, silenciados em função da determinação das diversas FDs, que atravessam os discursos e da determinação da posição de autoria do editor chefe de redação.

A especificidade das **versões**, na materialidade discursiva dos telejornais, se deve ao fato de que a textualização lacunar é constituída de modo mais “discreto” em algumas notícias devido à veiculação da fala dos diversos sujeitos que compõem a textualização da notícia ser restringida a uma “colagem” de recortes, e, que assim, produz o efeito de transparência do dizer. Então, os recortes (verbais e não-verbais) que os telejornais fazem para construir a notícia são textualizados de modo lacunar porque, ao fazer os recortes das falas de personagens, fala, das imagens, do cenário em que se deu o fato noticiado, etc, deixam de fazer parte da notícia outros recortes e, por conseguinte, outros sentidos possíveis e por isso temos versões lacunares.

Sabemos que as **imagens** fazem parte do gesto de interpretação da textualização da notícia, pois o não-verbal é domínio da escrita (oralizada no telejornalismo) que

funciona num constante esforço de lhe atribuir certos sentidos. Então, pensamos no não verbal em relação ao não-dito, em relação aos processos sócio-histórico e ideológico constitutivos do funcionamento da linguagem. A este respeito, em Sodré (1984: 19-20) encontramos a afirmação de que “segundo McLuhan, a força do médium está nos intervalos entre os impulsos elétricos, nos intervalos entre esses impulsos \_ os vazios da rede”. De acordo com Sodré, na imagem televisiva há cerca de três milhões de pontos luminosos microscópicos por segundo, mas apenas alguns são captados pelo olhar do telespectador e é nesse sentido que temos espaços vazios na rede que são preenchidos pela participação sensorial. Nos valemos desta citação para dizer que entendemos que não apenas o verbal faz parte dos processos de constituição dos sentidos na formulação materializada por uma textualização lacunar, pois o não-verbal também constitui primordialmente o sentido. Sendo assim, a (re)criação/edição das “cenas” que compõem a notícia deriva de recortes do real que constituem um imaginário de completude da narração do fato noticiado de modo que a imagem não só reproduz quanto produz realidade e, por conseguinte, produz efeitos de sentido de verdade e de credibilidade. Logo, compreendemos que a “reprodução da realidade” é a determinação (imposição) de certos modos de ver, de certas relações com o real. Visto isso, o processo de produção **(edição)** das notícias telejornalísticas é constitutivo do modo de significação. Assim sendo, o interdiscurso também é constitutivo do funcionamento discursivo das imagens determinando sentidos para a notícia.

Ou seja, a determinação histórica dos sentidos constitui a política do significante (o jogo, a luta pelos sentidos) que se materializa através da formulação verbal e não-verbal de modo que a textualização lacunar está no entremeio das formas de linguagem. Importa-nos ressaltar que a relevância desta discussão é a formulação teórica da noção textualização lacunar e do próprio funcionamento desta noção na sintaxe da língua e na sintaxe do telejornal, ou seja, nas formas de linguagem (verbal e não-verbal) da materialidade telejornalística.

## **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

A AD nos possibilita uma nova prática de leitura que se dá através da relação entre



o que é dito na formulação, na editoração, com outros discursos inscritos na história para assim interpretar o que não é dito (o efeito de textualização lacunar) no interior da formulação. É este gesto analítico que permite compreender que a mídia naturaliza sentidos pejorativos para o MST mediante a propagação de termos/conceitos que são “inculcados” na sociedade através de dois processos que Arbex Júnior (2001) denomina de *hipnose* e *amnésia*. Segundo este autor, observamos nos telejornais um excesso de informação marcado pela velocidade, o que produz no telespectador a hipnose. Assim, este consumidor é um *fast food* de informações e o efeito disso é a amnésia. Desse modo, as opiniões são formadas como se os sentidos produzidos pelos telejornais (pela FD1 dominante contrária aos ideais defendidos pelo MST) fossem os únicos possíveis. Aliado a isso, temos o funcionamento das imagens que têm um espaço significativo produzindo a hipnose. E nesse batimento que a textualização lacunar se constitui.

Ferreira (2000: 65) assinala que um enunciado não é jamais completo uma vez que é sempre suscetível de ser completado por toda uma série de complementos ou proposições se constituindo enquanto paráfrases. Sendo assim, o efeito de completude é uma evidência ideológica que se dá através dos efeitos de pré-construído e de articulação, e, por conseguinte, produz como efeito a transparência da linguagem, dos sentidos. Esses efeitos dissimulam a opacidade da linguagem, dos sentidos produzindo a ilusão da evidência do sentido. É nesse lugar brocado de sentidos onde os enunciados escapam a organização da língua que nos posicionamos para observar o movimento dos sentidos nas diferentes versões onde explicitamos a especificidade do interdiscurso constitutivo do funcionamento da textualização lacunar. Então, podemos dizer que a formulação e a textualização lacunar são constituídas no mesmo lugar por serem produzidas como unidade imaginária de sentido em relação ao intradiscurso determinado pelo interdiscurso.

Então, a textualização lacunar funciona, nas formulações, apagando sentidos que não podem ou não devem ser veiculados. Nesta perspectiva, temos na mídia, (no caso, os sentidos sobre o MST e Reforma Agrária) uma repetição que pouco produz ruptura porque é marcada por um acontecimento que se realiza por processos parafrásticos, cristalizando sentidos já-ditos e, por conseguinte, silenciando outros. Assim, é fato a regularidade da produção de sentidos negativos para o MST e para o governo Lula de modo que é um obstáculo para o MST (e as chamadas minorias) divulgar sua ideologia, e

suas reais causas/reivindicações, pois atinge uma instituição poderosa até hoje intocável: o latifúndio.

Ainda, a repetição/reformulação dos enunciados para constituir os sentidos para o MST inscreve uma determinada memória para este movimento. Conseqüentemente, os sentidos atuais sobre o MST circulam como evidentes, como se somente pudessem ser estes e não outros. Este é o efeito da eficácia da textualização lacunar de modo que a diretividade argumentativa da notícia se constrói sob domínio de uma posição ideológica sobre outras e é por força de uma formação discursiva dominante (FD1), cuja marca é a defesa do direito à propriedade privada, sustentada pela grande mídia que tem como suporte uma textualização lacunar. Por outro lado, temos o discurso do MST, constitutivo da FD2, que resiste aos sentidos dominantes, que resiste à manutenção de uma memória associada a sentidos de vandalismo, criminalidade, desordem, etc. E é nesse confronto de movimento e sentidos materializados em uma textualização lacunar que os sentidos são naturalizados pelo viés da determinação interdiscursiva, produzindo efeitos de evidência.

Por fim, num movimento em espiral, encerramos nossa discussão com a conjectura de que o simbólico pode preencher a falta de dizer na formulação ou abrir para derivas. Acreditamos que a relação do verbal com o não verbal não é sempre de complementaridade, isto é, nem sempre o não verbal completa as lacunas do verbal.

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

ARBEX JUNIOR, José. *Showrnlismo, a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

COURTINE e MARANDIN. Quel objet pour l'analyse du discours? In: *Matérialités discursives*. Lille: Presses Universitaires, 1981.

FOCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Paris, France, Éditions Gallimard, 1971. Trad. Brasileira: São Paulo, Editora Loyola, 2004.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre: Ed.Universidade, UFRGS, 2000.

HENRY, Paul. 1992.

INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. Tese de Doutorado da Unicamp.

Or. Eni Pulcinelle Orlandi, 1997.

MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*

Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP. UNICAMP, 1998.

PECHÊUX, Michel. (1975). *Semântica e Discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_ *Por uma análise automática do discurso. Uma Introdução a Obra de Michel Pécheux*.

Org. Françoise Gadet; Tony Hak. Tradutores Bethania S. Mariane... [ et al.]. Campinas,

SP: Editora da UNICAMP. 1997.

ZOPPI-FONTANA, Mónica. (1998) “Liminares do Silêncio: a leitura intervalar.” In: *A*

*Leitura e os Leitores*. Orlandi, E. SP: Pontes.